
Laura Bellini
Não Me Transforme em uma Lembrança
Ela não quer ser a mulher de quem ele se lembra.
Quer que ele a conheça de novo.

Não Me Transforme em uma Lembrança

Ela não quer ser a mulher de quem ele se lembra. Quer que ele a conheça de novo.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902233

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que não estavam no contrato.....12
Capítulo 2 - Entre o que é permitido e o que desejamos 23
Capítulo 3 - O que não pode ser planejado..... 34
Capítulo 4 - As conversas que nos faltaram no passado 43
Capítulo 5 - O direito de dizer não 53
Capítulo 6 - A luz que eu não conseguia reter 63
Capítulo 7 - Entre o beijo e a verdade 75
Capítulo 8 - As pessoas que conhecem seu nome 85
Capítulo 9 - O risco que assumimos juntos..... 95
Capítulo 10 - Uma intimidade que não pode ser desfeita.....106
Capítulo 11 - Um lugar para a nossa vida..... 116
Capítulo 12 - O preço das belas lembranças.....127
Capítulo 13 - Nem tudo está à venda 137
Capítulo 14 - A verdade que ainda não sabemos dizer.....147
Capítulo 15 - Tudo o que não dissemos 157
Capítulo 16 - A distância que não se mede em quilômetros.....169
Capítulo 17 - A vida que não preciso recuperar 181
Capítulo 18 - O primeiro passo sem promessas..... 191
Capítulo 19 - A última luz 201
Capítulo 20 - Não me transforme em uma lembrança 213

INTRO

Tirei a primeira fotografia antes mesmo de abrir o portão da estufa.

Através dos vidros embaçados, eu conseguia ver as fileiras de tomateiros, os caules altos sustentados por cordões e a luz da manhã se espalhando pelo ar úmido. Não havia nada de especialmente bonito naquela cena, pelo menos segundo as regras que ensinavam nos cursos de fotografia. A estrutura tinha proporções irregulares, uma das vidraças estava rachada e a tinta verde descascava da armação de metal. Mesmo assim, ergui a câmera e apertei o disparador.

Eu queria registrar aquele lugar antes que alguém tivesse tempo de arrumá-lo para as minhas lentes.

Cheguei à Vármia com um plano bem definido. Tinha quarenta e um anos, vinte anos de experiência profissional e parcerias malsucedidas suficientes para saber que improvisação às vezes era apenas um nome elegante para a falta de preparo dos outros. O álbum sobre a última temporada de uma estufa familiar seria um projeto de minha autoria. Não uma crônica sentimental de uma empresa, nem uma propaganda de tomates, mas a história de um lugar que estava desaparecendo da paisagem.

Três meses de trabalho. Fotografias ao amanhecer e depois do anoitecer. Retratos de pessoas que haviam passado boa parte da vida trabalhando ali. Gravações de conversas, anotações feitas à mão e imagens de tarefas cotidianas que ninguém considerava dignas de serem lembradas.

No bolso da jaqueta, eu carregava o contrato assinado com a editora. No carro, duas malas cheias de equipamentos.

O que eu não fazia ideia era que o homem que eu menos queria encontrar ainda era capaz de transformar o significado de uma manhã comum.

— Se está procurando o proprietário, ele está perto da casa das caldeiras.

Virei-me.

Uma mulher de casaco de lã azul-marinho estava parada junto à entrada. Tinha os cabelos grisalhos presos em um coque apertado e segurava uma caixa plástica cheia de pequenos vasos. Seus olhos passaram da câmera para o meu rosto, como se tentasse decidir se eu era mais uma pessoa interessada em comprar o terreno.

— Sou Edyta Pawlik. Vim fotografar a estufa.

A mulher franziu a testa.

— Ah, a moça do álbum. O Waldek comentou.

Durante alguns segundos, tudo o que ouvi foi a água pingando de uma calha com vazamento.

Waldek.

Não Waldemar Żur, o proprietário da fazenda. Não o homem mencionado nos documentos que a editora havia me enviado. Waldek, dito com naturalidade, com a mesma familiaridade com que as pessoas chamam alguém que faz parte de sua rotina.

— Ele está aqui? — perguntei.

— E onde mais estaria? — A mulher abriu um breve sorriso. — Está de pé desde as cinco. Igualzinho ao pai, quando ainda era vivo.

Agradeci, embora não tivesse a menor intenção de ir imediatamente até a casa das caldeiras. Precisava de alguns minutos para conciliar o nome escrito nos documentos com o homem de quem me lembrava de uma vida completamente diferente.

Eu não via Waldemar havia quase dezessete anos.

Quando nos separamos, ele tinha vinte e nove anos, convicções muito firmes e aquele tipo particular de teimosia que, no começo, parece oferecer segurança, mas depois começa a se parecer com uma porta trancada. Eu tinha vinte e quatro anos e a certeza de que, se permanecesse com ele na Vármia, deixaria de ser quem eu era.

Fui embora para Varsóvia levando uma câmera, algumas roupas e uma ambição maior do que o apartamento que alugávamos.

Ele não tentou me impedir.

Durante muitos anos, considerei aquela a parte mais dolorosa da nossa despedida.

Agora, parada sobre o caminho de cascalho, já não tinha tanta certeza de que realmente desejara que ele tivesse feito isso.

Entrei na estufa.

O cheiro de terra molhada me atingiu com uma intensidade surpreendente. O ar era quente, carregado de umidade e do aroma levemente adocicado dos frutos amadurecendo. No fim de um dos corredores, um pequeno

ventilador funcionava com um ruído irregular que lembrava a respiração de um animal cansado.

Pelo visor da câmera, enxerguei um mundo que um dia conhecera de cor.

A velha mesa de transplantar mudas. A pia de metal. Os caixotes de madeira empilhados junto à parede.

Tirei uma fotografia.

Depois outra.

Na terceira, percebi uma caneca de cerâmica azul sobre a mesa, com uma lasca faltando na alça.

Eu a conhecia.

Havia comprado aquela caneca para Waldemar em uma feira de Olsztyn, quando ainda éramos jovens o suficiente para acreditar que um objeto comum podia representar uma promessa de futuro juntos.

Abaixei a câmera.

— Não acredito — murmurei.

— No quê?

A voz veio de trás de mim.

Não era exatamente como eu lembrava. Estava mais grave, mais rouca, sem a pressa que costumava acompanhá-la. Ainda assim, reconheci-a imediatamente, antes mesmo de conseguir me virar.

Waldemar estava a poucos passos de distância.

Vestia uma camiseta escura com as mangas dobradas e uma calça de trabalho manchada de terra. Fios grisalhos apareciam nas têmporas. Seu rosto estava mais magro, com linhas marcadas ao redor da boca. Parecia um homem de

quarenta e seis anos, não aquele que eu havia conservado na memória.

Mas o que mais me surpreendeu foi sua tranquilidade.

Ele não sorriu ao me ver. Tampouco fez qualquer coisa que me permitisse concluir que minha chegada lhe era desagradável.

Apenas me observou.

— Nessa caneca — respondi, apontando para a mesa. — Achei que você tivesse jogado fora há muito tempo.

Ele lançou um olhar para a cerâmica.

— Ainda dá para beber nela.

Tive vontade de rir. Era exatamente assim que ele costumava responder às minhas declarações mais dramáticas. Sem maldade, mas com uma literalidade capaz de me desarmar.

— Oi, Waldek.

— Oi, Edyta.

Meu nome soou diferente em sua boca. Sem aquele antigo apelido carinhoso que ele usava exclusivamente quando estávamos sozinhos.

Seus olhos se voltaram para a câmera.

— Já começou a trabalhar?

— A luz estava boa.

— A essa hora sempre está.

— Eu me lembro.

Algo que não consegui identificar atravessou seu rosto.

— Muita coisa mudou por aqui.

Deslizei os dedos pela alça da câmera.

— Percebi.

— Não estou falando dos vidros.

O silêncio se instalou entre nós.

Eu havia preparado uma dúzia de frases profissionais para meu primeiro encontro com o proprietário da estufa. Pretendia conversar sobre o cronograma, as autorizações para publicar as imagens dos funcionários e o registro do processo de encerramento da produção. Em vez disso, estava diante do homem com quem um dia dividira a cama, as contas e a convicção de que o amor seria suficiente para conciliar dois sonhos diferentes.

— Eu não sabia que a estufa era sua — disse, por fim.

— Eu sei.

— Você sabia que eu faria o álbum?

— Sabia.

Ele não tentou esconder a resposta. E foi justamente isso que mais me irritou.

— Poderia ter me avisado.

— Poderia.

— E então?

— Queria ver se você viria.

Senti a conhecida pontada de raiva, mas dessa vez não permiti que ela conduzisse a conversa.

— Vim fazer meu trabalho. Tenho um contrato, um prazo e minha própria ideia para esse álbum.

— Eu sei. Li o projeto.

— Então também sabe que não estou procurando nada aqui além de material fotográfico.

Waldemar permaneceu calado por um instante. Depois se aproximou da mesa e colocou de lado as luvas que estavam sobre ela.

— Ótimo — disse. — Porque eu não pretendo fingir que os últimos dezessete anos não aconteceram.

Não esperava que aquelas palavras doessem.

Na minha memória, Waldemar ainda estava parado à porta do nosso apartamento, no momento em que eu saía com a mala. Usava um suéter cinza e me olhava como se estivesse esperando que eu mudasse de ideia. Durante anos, voltei àquela cena, corrigindo-a na imaginação. Às vezes, acrescentava uma frase que ele nunca havia dito. Outras vezes, dava a mim mesma a coragem que me faltara naquela ocasião.

Agora, ao observar suas mãos marcadas por rachaduras causadas pelo trabalho, compreendi que praticamente não sabia mais nada sobre ele.

Não sabia quem ele havia amado depois da minha partida.

Nem do que tinha medo.

Nem por que estava fechando a estufa, embora até pouco tempo antes não conseguisse imaginar a vida sem ela.

— Não espero que você finja — respondi.

Ele me examinou com mais atenção.

— Ainda bem. Mas, antes de começarmos, precisamos conversar sobre o que exatamente você pretende mostrar aqui.

Ergui a câmera, mais para ocupar as mãos do que por sentir necessidade de tirar uma fotografia.

— Quero mostrar a verdade.

— A verdade de quem, Edyta?

Não respondi.

Do outro lado dos vidros, o sol havia subido acima do telhado da casa das caldeiras. Entre nós estava a mesa e, sobre ela, a velha caneca de que ambos nos lembrávamos, embora pudesse significar algo completamente diferente para cada um.

Eu havia chegado para preservar em fotografias um lugar que estava desaparecendo.

Olhando para Waldemar, pensei pela primeira vez que poderia fazer exatamente a mesma coisa com ele. Aprisionar um homem vivo dentro da imagem que eu carregava havia tanto tempo e nem sequer perceber quando ele deixasse de corresponder a ela.

Abaixei a câmera.

— E se eu não conseguir enxergar você como é agora? — perguntei.

Waldemar me olhou sem sorrir.

— Então talvez seja justamente por aí que devamos começar.

Capítulo 1 - Condições que não estavam no contrato

Waldemar não desviou o olhar quando pedi que começássemos pelas questões práticas. Por um momento, tive a impressão de que ele ainda esperava uma resposta à própria pergunta, mas finalmente assentiu e apontou para a porta que levava a uma pequena sala de apoio.

— O escritório fica depois da área de seleção. Podemos conversar lá.

Segui-o entre as fileiras de tomateiros. Ele se movimentava entre as plantas com a desenvoltura de quem conhecia cada suporte saliente e cada irregularidade do chão. Ao perceber um cordão solto, parou, ajeitou a amarração de um caule e só então continuou andando. Aquele pequeno gesto me irritou mais do que deveria. Eu me lembrava do Waldemar capaz de interromper a conversa mais importante do mundo para consertar uma torneira pingando. Antigamente, chamava aquilo de confiabilidade. No fim do nosso relacionamento, passei a considerar uma prova de que todo o resto era mais importante para ele do que eu.

O escritório era diferente das outras partes da propriedade. Havia uma mesa moderna, dois monitores, uma impressora e um armário de metal para documentos. Na parede, estava pendurado um cronograma de produção e, ao lado, um quadro com os nomes dos funcionários. Não havia fotografias de família nem lembranças que me oferecessem perguntas fáceis sobre o passado.

Waldemar puxou uma cadeira para mim.

— Café?

— Não, obrigada.

— Ainda toma sem leite?

Olhei para ele.

— Faz seis anos que tomo com leite.

Ele recebeu a informação sem comentar, mas percebi um leve movimento de suas sobrancelhas.

— Então, água?

— Por favor.

Quando me entregou o copo, notei uma pequena cicatriz no dorso de sua mão. Não me lembrava dela. Era a primeira prova concreta dos anos dos quais eu não havia participado, mais convincente do que os cabelos grisalhos ou as novas rugas.

Tirei o tablet da bolsa e abri o cronograma.

— Preparei seis etapas de documentação. A primeira abrange o espaço e os funcionários. A segunda, a produção cotidiana; a terceira, o arquivo da família; e as seguintes, o encerramento da temporada, a desmontagem dos equipamentos e os retratos depois do fim das atividades. Também gostaria de gravar conversas que servirão de base para pequenos textos no álbum.

Waldemar ouviu atentamente.

— E se alguém não quiser contar sua história?

— Não vou obrigar ninguém.

— E se alguém disser alguma coisa que não combine com sua proposta?

— Nesse caso, vou verificar se a proposta precisa mudar.

Por um instante, ele me observou como se aquela resposta tivesse despertado um interesse genuíno.

— Ótimo. Porque tenho uma condição.

Apoiei o tablet na borda da mesa.

— Estou ouvindo.

— Não quero um álbum que transforme este lugar em um monumento.

Pensei nas fotografias que havia tirado naquela manhã. Na luz aprisionada entre as vidraças, na velha caneca, em todas as imagens que eu já havia decidido considerar importantes.

— Não pretendo colocar ninguém em um pedestal.

— Mesmo assim, na descrição do projeto você usou a expressão "um mundo que está desaparecendo". Três vezes. Também escreveu que a propriedade era o último refúgio do cultivo tradicional na região.

— É a linguagem de uma proposta editorial.

— É justamente por isso que me preocupa.

Ele apontou para o cronograma pendurado na parede.

— Temos um sistema moderno de controle da irrigação, trabalhamos com compradores que conferem cada entrega até o último quilo e, há alguns anos, lutamos contra os custos de energia. Não somos uma imagem de calendário. Se quer mostrar a última temporada, mostre também por que ela será a última.

— Quero contar a história das pessoas, não fazer um relatório financeiro.

— E eu quero que essas pessoas reconheçam a própria vida.

Ele respondeu com tranquilidade, mas sua voz adquiriu firmeza. Lembrei-me de como detestava quando alguém falava pelos outros. Aquilo costumava me impressionar, até que comecei a suspeitar que ele também tentava tomar decisões por mim.

— Waldemar, você não me contratou como fotógrafa publicitária. A editora me convidou para desenvolver um projeto autoral. Não vou entregar a você o controle sobre meus enquadramentos.

— Não estou pedindo controle sobre seus enquadramentos. Estou pedindo que não organize a realidade para que ela se encaixe na saudade.

Aquela frase me fez parar com mais eficiência do que qualquer voz alterada.

— Que saudade?

— Só você pode saber do que se lembra deste lugar. Eu sei como ele é hoje.

Deixei o tablet de lado e entrelacei as mãos sobre o colo.

— Se está insinuando que não sou capaz de separar nosso passado do meu trabalho, diga isso diretamente.

— Ainda não sei se você é capaz.

— E, mesmo assim, aprovou minha candidatura.

— Aprovei suas fotografias. Vi seu álbum sobre as antigas fábricas têxteis. Era excelente.

Não esperava aquele elogio. Nos últimos anos, aprendera a aceitar reconhecimento profissional sem falsa modéstia, mas as palavras de Waldemar tinham um peso especial. Quando fui embora, ainda estava tentando ganhar a vida com fotografia. Ele se lembrava de mim como a garota que

passava as noites revelando fotografias em um laboratório improvisado.

— Obrigada — respondi.

— É justamente por isso que não quero que você faça algo inferior aqui.

Senti uma irritação que exigia resposta.

— E eu não quero que você me trate como uma garota de vinte e quatro anos para quem precisa explicar como o mundo funciona.

Waldemar se sentou diante de mim.

— Nesse caso, nós dois temos motivos para tomar cuidado.

Do lado de fora da janela, passou um pequeno carrinho de transporte. As rodas metálicas fizeram um barulho surdo sobre o caminho de concreto. Peguei o copo e bebi alguns goles de água para não responder depressa demais.

— Vou incluir no cronograma conversas sobre os motivos econômicos do fechamento da propriedade — anunciei. — Mas não prometo que o álbum será uma história exclusivamente sobre perdas.

— Não espero isso. Quero que também haja alguma coisa boa nele.

— O quê, exatamente?

Waldemar olhou na direção da estufa.

— O fato de que, durante muitos anos, as pessoas tiveram um motivo para vir aqui todas as manhãs. Mesmo quando as coisas estavam difíceis.

Havia mais ternura naquela frase do que eu esperava encontrar em nossa conversa. Não era dirigida a mim, mas

às pessoas e ao lugar pelos quais ele era responsável. Lembrei-me do jovem Waldemar, que chegava até mim depois de doze horas de trabalho e adormecia no meio de uma frase. Na época, eu não compreendia que seu cansaço podia coexistir com o orgulho.

— Gostaria de conversar com os funcionários sem você por perto — falei.

— Claro.

— E fotografar também as partes da propriedade que não têm uma aparência tão apresentável.

— É exatamente isso que quero.

— E as decisões editoriais continuarão sendo minhas.

— Com uma ressalva. Cada pessoa tem o direito de decidir se quer aparecer e se sua história particular pode ser publicada.

— Isso faz parte dos meus procedimentos habituais.

— Eu sei. Verifiquei.

Sorri involuntariamente.

— Você se preparou.

— Tive tempo.

— Dezessete anos?

Só depois de pronunciar aquelas palavras percebi como soaram íntimas.

Waldemar apoiou os antebraços sobre a mesa.

— Não passei todos eles analisando seu portfólio.

Ri, embora não tivesse planejado. Ele também sorriu, quase imperceptivelmente, e por um instante enxerguei o homem de quem me lembrava das noites à mesa da

cozinha. Aquele que conseguia desarmar minhas reclamações com uma única frase, sem tirar delas a importância.

Era perigosamente fácil interpretar aquele momento como prova de que ainda existia alguma coisa imutável entre nós.

Waldemar foi o primeiro a voltar aos assuntos profissionais.

— Venha. Vou mostrar o restante da propriedade. No caminho, explico quais prédios não serão mais utilizados.

Saímos pela porta dos fundos, chegando ao pátio. O ar do lado de fora estava mais frio, e o sol já havia secado parte do caminho de cascalho. Atrás da estufa principal havia dois túneis menores, o prédio da câmara frigorífica e um longo depósito com telhado de metal. Ao longe, estendiam-se campos cujos limites eram marcados por faixas escuras de árvores.

Fotografei as identificações nas caixas, uma balança enferrujada e as mãos dos funcionários que selecionavam tomates. Waldemar me apresentava às pessoas, mas não interferia nas conversas. Percebi que, em todas as oportunidades, mencionava primeiro o nome do funcionário e só depois sua função. Quando um dos homens perguntou se era obrigado a posar, Waldemar respondeu que a decisão cabia exclusivamente a ele.

No depósito, encontramos a mulher mais velha que eu havia conhecido na entrada.

— Esta é a senhora Irena — apresentou Waldemar. — Trabalha aqui há trinta e dois anos.

— Trinta e três, contando esta temporada — ela o corrigiu.

— Então, trinta e três.

Irena examinou minha câmera.

— E o Waldek contou que a senhora costumava tirar fotografias nesta propriedade?

Senti o olhar de Waldemar pousar em meu rosto.

— Há muito tempo — respondi.

— Lembro de vocês dois. A senhora sempre com a câmera, e ele andando atrás da senhora o tempo todo. A gente achava que ainda ia ver esse casamento acontecer.

Não sabia se tinha mais vontade de desaparecer ou de perguntar do que mais ela se lembrava.

— Irena — Waldemar interveio gentilmente. — Mostre à Edyta os cadernos de colheita. Vão ser úteis para o álbum.

A mulher lançou a ele um olhar divertido, mas obedeceu e me conduziu até um armário.

Dentro havia cadernos grossos, repletos de datas e registros manuscritos. Abri o mais antigo disponível. O papel estava amarelado, e os números haviam sido escritos com uma caneta azul cuja tinta desbotara em alguns pontos.

— Podemos fotografá-los? — perguntei.

— Se o Waldek permitir.

— Ele não precisa autorizar cada fotografia — respondi. — Estamos justamente estabelecendo as regras.

Waldemar estava perto da porta.

— São documentos da propriedade. Você pode utilizá-los desde que não mostre dados pessoais nem informações comerciais.

Assenti. O primeiro teste de nossa colaboração terminou de maneira sensata, embora não tivesse me proporcionado

a satisfação de uma vitória. Eu começava a compreender com mais clareza que Waldemar não queria tirar meu trabalho de mim. Queria ter certeza de que seu mundo não seria descrito em uma linguagem que ele próprio não reconhecesse.

À tarde, nos sentamos em um banco ao lado do depósito para examinar as fotografias que eu havia tirado. Na tela da câmera, passavam os rostos dos funcionários, as fileiras de plantas e as ferramentas. Waldemar observava cada imagem sem pressa. Quando chegamos ao retrato de Irena, fez um gesto para que eu parasse.

— Esta ficou boa.

— Por quê?

— Porque ela está exatamente como fica quando está tomando conta de alguma coisa.

Na fotografia, Irena segurava um caderno e olhava para fora do enquadramento. Suas sobrancelhas estavam franzidas, mas havia um sorriso discreto nos cantos da boca.

— Era exatamente isso que eu queria — respondi.

Waldemar virou o rosto em minha direção. Estávamos próximos, mas ainda havia distância suficiente para que nossos ombros não se tocassem. Notei um fio claro preso em sua camiseta e o cheiro de um sabonete que eu não conhecia. Tão pouco restara dos antigos hábitos e, ainda assim, sua presença continuava capaz de abafar tudo ao redor.

— Você ainda espera as pessoas pararem de posar — comentou.

— É a única maneira de enxergar alguma coisa verdadeira.

— Nem sempre. Às vezes, a pessoa simplesmente não quer ser vista.

Fechei a visualização.

— Está falando de fotografia?

— Entre outras coisas.

Não respondi. Pela primeira vez desde minha chegada, tive a sensação de que a conversa poderia nos levar a um lugar para o qual nenhum de nós estava preparado.

Waldemar se levantou e estendeu a mão para me ajudar a sair do banco baixo. Hesitei por uma fração de segundo e depois aceitei. Sua mão era quente e áspera. Ele me soltou imediatamente assim que fiquei firme sobre os pés.

— Para amanhã, preciso da lista das pessoas que você quer fotografar — disse. — E dos horários em que não vai atrapalhar as entregas.

— Vou prepará-la hoje à noite.

— E eu vou conversar com os funcionários sobre o álbum. Sem pressioná-los a participar.

— Uma divisão justa.

Caminhamos juntos até o portão. Eu não queria admitir que estava surpresa com a facilidade com que conseguíamos conversar quando nenhum dos dois tentava vencer uma discussão antiga.

Ao lado do carro, Waldemar parou e apontou para minha câmera.

— Edyta?

— Sim?

— Não apague a fotografia daquele vidro rachado. Vi que você o fotografou de manhã.

— Por quê?

— Porque vamos trocá-lo na semana que vem. E, já que está fazendo um álbum sobre a última temporada, nem tudo precisa parecer como deveria.

Olhei para ele, surpresa.

— Acho que é a primeira vez que você mesmo me pede para mostrar alguma coisa imperfeita.

— Talvez antigamente eu tivesse mais medo disso.

Não perguntei exatamente do quê. Havia algo sério em sua expressão, e de repente perdi a vontade de fazer brincadeiras fáceis.

Entrei no carro, mas, antes de ligar o motor, olhei pelo vidro. Waldemar continuava parado junto ao portão. Não acenou. Não tentou me impedir de ir embora.

Dessa vez, porém, eu sabia que voltaria na manhã seguinte.

E que não seria uma decisão exclusivamente profissional.

Capítulo 2 - Entre o que é permitido e o que desejamos

Naquela noite, espalhei meus equipamentos sobre a mesa do apartamento alugado em Olsztyn e passei uma hora tentando selecionar as fotografias que valeria a pena apresentar à editora. Tinha mais de trezentas. A parte profissional da minha mente identificava sem dificuldade os enquadramentos promissores, os óbvios demais e os tecnicamente mal executados. A parte pessoal insistia em voltar a algumas imagens nas quais Waldemar aparecera por acaso.

Em uma delas, ele estava junto à porta aberta do depósito, conversando com um funcionário. Em outra, inclinava-se sobre uma caixa de tomates. A terceira eu havia tirado sem perceber, enquanto verificava as configurações da câmera. Mostrava apenas parte de sua silhueta e uma mão apoiada em um corrimão de metal.

Apaguei a última.

Não porque fosse ruim. Pelo contrário, poderia fazer parte do álbum como a imagem de um homem ligado àquele lugar. Mas eu não queria começar o projeto com uma fotografia cujo significado nem eu mesma conseguia separar de uma lembrança.

O telefone vibrou.

Era Joanna, minha amiga e colega de trabalho, responsável pela edição da parte escrita do álbum. Nós nos conhecíamos havia doze anos. Ela era uma das poucas pessoas a quem eu permitia falar mesmo quando não estava disposta a ouvir.